

Bob Lutz: “Não haverá mais motoristas”

Um dos homens mais influentes da história do automóvel diz que, em 20 anos, dirigir carros será um lazer, excluído das cidades, como andar a cavalo

MARCELO MOURA

Por dizer o que pensa, sem rodeios, o administrador suíço Bob Lutz, de 80 anos, 49 dedicados à indústria automobilística, nunca chegou a presidir uma montadora. Por sua capacidade de antecipar os desejos do consumidor de carros, tornou-se vice-presidente de quatro fabricantes. Na BMW, nos anos 1970, ajudou a criar o Série 3, o mais bem-sucedido da marca. Na Ford, foi responsável pelo utilitário Explorer, maior êxito da empresa na década de 1990. Na Chrysler, resgatou o prazer de dirigir os carros americanos, ao lançar, em 1992, o esportivo Viper. Na General Motors, de 2001 a 2010, aposentou a marca Hummer, dos jipes devoradores de gasolina, e criou o híbrido Volt. Para Lutz, os carros estão perdendo apelo para sempre.



CARRO DE PASSEIO

Bob Lutz com seu carro favorito para passear, o Cadillac LaSalle 1934. Ele diz que os carros perderam seu poder de sedução (Foto: Montalbetti e Campbell/Corbis Outline)

ÉPOCA – Carros particulares são uma espécie em extinção?

Bob Lutz – Vender carros novos será um grande negócio por muito tempo em países como China e Índia, onde ainda são realmente necessários. Nos Estados Unidos e em países europeus, é diferente. Onde o transporte público é bom, você pode viver sem carro, se quiser.

>> A era do automóvel empacou

ÉPOCA – As pessoas querem viver sem carro?

Lutz – Os jovens de hoje cresceram cercados de Porsches, Ferraris, Mercedes e BMWs. Como cresceram tendo tudo isso ao redor, pensam que não há nada de especial neles. É como... a geração do meu pai era muito, muito interessada em estradas de ferro. Os garotos daquele tempo colecionavam figurinhas de trens. Quando meu pai me falava sobre isso, eu dizia: “Oh, trens! Isso é tão ultrapassado! O negócio são carros”. Isso durou muito, mas agora a novidade são os componentes eletrônicos, a realidade virtual, a conectividade.

ÉPOCA – Por que o carro conquistou gerações de jovens?

Lutz – Carros permitem interação social. Carro era o meio para ir ao encontro de amigos e levá-los ao cinema. Era um símbolo importante de reconhecimento social. E, mais importante, você podia levar garotas para passear, conversar com elas a sós e engrenar um relacionamento. Carro era um santuário de privacidade para jovens de todos os países. Agora, os jovens têm componentes eletrônicos para mandar textos, fotos e vídeos, uns aos outros. Estão tão constantemente em contato que a necessidade de conexão, antes proporcionada pelo carro, foi suprida. Mesmo o papel de exibir sinais de prestígio, antes representado pelo carro, foi ocupado. Há muito prestígio em ter a última geração do iPad.

"A geração do futuro não verá qualquer valor especial nos carros. Basta olhar para trens e ônibus. Ninguém liga para a aparência deles"

ÉPOCA – Tablets e celulares proporcionam mobilidade, integração e prestígio, mas não proporcionam sensações físicas, como vento no rosto. Gadgets podem ser tão sedutores quanto carros?

Lutz – A sedução dos carros não faz mais sentido. O tempo de viagem não depende mais da potência e da estabilidade de um carro, e sim dos limites de velocidade impostos. Um jovem de 18 anos deve se perguntar: “Por que devo comprar um Lamborghini Murciélago, de US\$ 300 mil, se ele é tão rápido quanto um Cruze, de US\$ 17 mil?”. Como um apaixonado por carros, acho isso deplorável, mas faz muito sentido. Além da imposição de limites de velocidade, o carro perdeu apelo ao ser transformado em vilão como causa do aquecimento global.

>> Malucos ou visionários?

>> Um novo olhar sobre rodas

ÉPOCA – O carro é o novo cigarro?

Lutz – É. Depois dos cigarros, o automóvel se tornou o inimigo público número um. A sociedade entende que já derrotou o fumo, e agora está indo atrás do carro.

ÉPOCA – Como o senhor vê os carros daqui a 20 ou 30 anos?

Lutz – Nesse prazo, em países desenvolvidos, veremos carros elétricos, completamente autônomos. Você dirá aonde quer ir e ele irá, sozinho. Ao entrar numa estrada, se integrará a um comboio de outros carros, afastados entre si 1 metro, viajando a cerca de 200 quilômetros por hora. A estrada será um ponto de energia, que recarregará os carros que passam por ela. O motorista poderá ler, dormir, fazer o que quiser. Quando chegar

ao destino, bastará descer do carro e mandá-lo estacionar. O carro encontrará uma vaga e fará manobras sozinho. Para ir embora, é só chamar o carro de volta.

ÉPOCA – Qual será o papel do motorista?

Lutz – Não haverá mais motoristas no trânsito. Os cavalos costumavam ser o principal meio de transporte, até que foram banidos das ruas pela chegada dos carros. Ainda há uma enorme quantidade deles, mas agora ficam guardados em estábulos. São usados para esporte e lazer. É o que acontecerá com os carros. Nos Estados Unidos, já existem clubes automotivos. Eles compram um terreno imenso, constroem duas ou três pistas, piscina, restaurante, salão de festas e garagens. Você pode deixar seu carro lá, sob cuidados. Em vez de jogar golfe, você pode ir lá, vestir um macacão e dirigir. O futuro do carro será sem motorista, com funcionamento autônomo. O prazer de dirigir, como o conhecemos, será algo para lugares fechados.

[>> Leia outras entrevistas](#)

ÉPOCA – Por que comprar um carro que anda como um trem?

Lutz – O carro será rápido, ao evitar congestionamentos e usar as estradas com eficiência. Erros e distrações do motorista, que causam acidentes, serão removidos pela tecnologia.

ÉPOCA – Sem poluir o ar ou provocar acidentes de trânsito, o carro deixará de ser um inimigo público?

Lutz – Certas pessoas odeiam carros e continuarão assim. Algum dia, um ambientalista dirá: “Certo, os carros não poluem mais o ar nem causam acidentes, mas eles estão matando taaaaantos insetos!”. Diariamente, carros matam centenas de milhares de valiosos insetos, ao bater neles com o para-brisa. Não sabemos os efeitos disso ao meio ambiente ou à economia de países exportadores de frutas. Parece engraçado, mas alguém dirá isso.

ÉPOCA – O carro perderá para sempre, para smartphones e tablets, seu papel de instrumento de liberdade e de expressão pessoal?

Lutz – Sim. Essa geração do futuro, que terá carros autônomos, não verá qualquer valor especial nos carros. Basta olhar para trens e ônibus. Ninguém liga para a aparência deles, ninguém quer saber o nome do fabricante, ninguém olha e diz: “Esse é um Mercedes”. Você apenas embarca. Os carros do futuro também serão assim. Nos anos 1950, canetas esferográficas eram um avanço tecnológico. As boas marcas de esferográficas eram muito caras. Hoje isso parece muito estranho. O grande prestígio de ter uma esferográfica de marca... Ninguém liga mais para a marca das canetas. Você pode pegar uma de graça no hotel.

ÉPOCA – Mas carros não são canetas esferográficas. Os carros ditaram a distribuição geográfica de cidades, ditaram padrões de comportamento e tornaram-se um fenômeno cultural. Seu declínio, se de fato ocorrer, deixará um vácuo. O que ocupará seu espaço?

Lutz – O espaço será ocupado por realidade virtual e hologramas 3D, criados pela computação. Eles levarão as pessoas a praticamente qualquer lugar. Você poderá viver a experiência de jantar com quatro pessoas, sem nenhuma outra estar ali, porque parecem reais. A necessidade de locomoção real cairá muito. Caminhões continuarão necessários

para transportar produtos, mas passar quatro horas na estrada, para visitar alguém, será algo muito menos frequente.

ÉPOCA – Mickey Drexler, conselheiro da Apple, disse que o último plano de Steve Jobs era criar um carro. Como o senhor imagina que seria esse possível “iCar”?

Lutz – Não conheço o projeto, então não posso responder. Toda vez que esses caras de eletrônica tentaram se meter com carros, fizeram besteira.